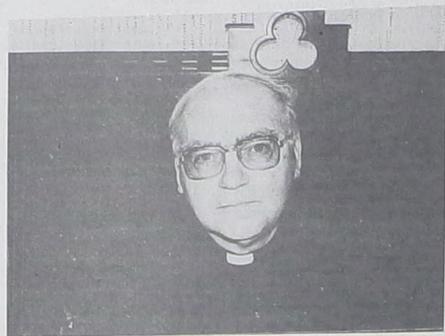


IGREJA CATÓLICA D. Pedro Fedalto: Arcebispo há 25 anos



Arcebispo Dom Pedro Fedalto.

Dom Pedro Fedalto, arcebispo da Cúria Metropolitana, nasceu em Campo Largo e está completando 25 anos de Nomeação. O Metropolitano publica declarações inéditas de Dom Pedro, sobre sua infância em nosso município e sua vocação.

Colônia Rebouças
A primeira professora foi Dona Lourdes Gonçalves (1934 e 1935).

A partir de 1936, o Professor que marcou minha vida foi o Sr. Luiz Lorenzi, modelo de mestre, com seu saber, sua liderança cristã, seu método de educar. Era severo, mas compreensivo.

Como criança, ia, de quando em quando, a Campo Largo. A primeira recordação de Campo Largo foi a 09 de outubro de 1932, dia de minha Crisma, com Dom João Francisco Braga, Arcebispo de Curitiba. Recordo-me que choveu bastante.

Os alunos da Escola Antônio Rebouças fizeram um passeio a Campo Largo levados pelo Professor Luiz Lorenzi. Lembro-me que foi feita uma visita ao Pároco Padre Aloísio Domanski, padre tido em alta estima por todos.

Na minha infância, falava-se em minha casa das famílias Puppi, Cavalli, Chemin, Sovierzowski. Era muito comentado o Farmacêutico Atilio Barbosa, a quem recorria todo o povo em suas doenças.

Foram colegas de estudos no Seminário São José de Curitiba: Monsenhor Oswaldo Guilherme

Neumann, Cônego Francisco Gorski e João Augusto Sobrinho, João Luiz Tokarski, Efreim Burkowski, João Gorski. Falavam-me muita coisa de Campo Largo.

Tempo de Seminário
Minha vocação deve-se em primeiro lugar a Deus. Minha família era católica praticante, fervorosa, tendo dois sacerdotes parentes, um religioso e dez religiosas. Meu bisavô, José Fedalto, também influenciou na minha vocação: Padre João Morelli, Padre Luiz Corso, Padre Francisco Corso, Monsenhor Aloísio Domanski, assim como meus catequistas: Antônio Bonatto, João Bressan e

me convenceu de que devia ir ao Seminário.

Foi com meu pai matricular-me, no dia 10 de janeiro de 1940 e levar-me ao seminário a 02 de fevereiro seguinte. A influência deste Professor foi decisiva. É verdade que, um ano antes, entrou Dom Agostinho Marochi, colega de escola, de catolicismo, de primeira comunhão, de coroinha.

Os padres, que conhecia, também influenciaram na minha vocação: Padre João Morelli, Padre Luiz Corso, Padre Francisco Corso, Monsenhor Aloísio Domanski, assim como meus catequistas: Antônio Bonatto, João Bressan e

(Continua na próxima edição)

Paulina Marochi. No Seminário São José de Curitiba, durante sete anos e no Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga, em São Paulo, sempre encontrei apoio, estímulo, orientação dos Professores que eram padres experientes. Procurei ser aberto com meus Superiores, nada escondendo a eles. Graças a seu discernimento, não tive dúvidas de que estava no caminho certo. Fui para o Seminário com 13 anos completos e ordenei-me sacerdote com 27 anos.

Meu tempo de Seminário foi maravilhoso. Sempre mantive bom relacionamento com os Superiores, dava-me bem com os colegas, tinha facilidade nos estudos e bom comportamento.

Foram datas marcantes no tempo de seminário: a recepção da batina, a 19 de março de 1946, a tonsura a 23 de setembro de 1950, quando me tornei clérigo, o diaconato, a 22 de fevereiro de 1953, quando recebi o Sacramento da Ordem, o Retiro Espiritual em Pirapora, antes da Ordem Sacerdotal, pregado por um Cônego Premonstratense.

O dia, que me marcou profundamente, foi o de 06 de dezembro de 1953, quando me ordenei sacerdote por Dom Manuel da Silveira D'Elboux, arcebispo de Curitiba, juntamente com Dom Albano Cavallin, Dom Agostinho Marochi, Cônego Francisco Gorski e João Augusto Sobrinho.

Agricultura e Pecuária Gangrena gasosa

É uma doença que cursa com toxemia gangrenosa infecciosa aguda, podendo atingir o homem e várias espécies animais, originada pelo ataque de um germe denominado Clostridium septicum e germe associado como o CL novyi tipo A; CI perfringens; CI histolyticum, que se caracterizam por produzir ácidos, gases e potentes toxinas.

No ano de 1827, esse germe foi cultivado por Pasteur e Joubert. O esporo da doença vive no solo, estrumes, poeiras e no interior do intestino de várias espécies de animais.

Para que se instale no organismo animal, a gangrena gasosa necessita de que a parte de entrada seja um traumatismo, onde provocará depressão funcional sobre os tecidos, órgãos e sistema nervoso, originando a toxemia geral que vem acompanhada de febre, falta de ar, baixa temperatura, inicialmente, e perturbações de circulação sanguínea.

A gangrena traumática foram edema maligno com centro

frívolo, insensível e cheiro putrido.

O quadro geral é de febre, maior de 40°C, posteriormente cai a temperatura, surge perturbações nervosas, o pulso está acelerado, fraco e filiforme, o animal apresenta dificuldade no ato de respirar, perde a vontade de alimentar-se, a morte geralmente ocorre entre 3 a 5 dias.

Muito cuidado em castrações de cavalos, o que pode levar a peritonite séptica, que se manifesta por: tristeza, cólicas, depressões, ventre timpânico e sensível. Os sintomas locais não há tempo de se notar.

A inflamação do útero pós-parto é rápido quando há contaminação, levando a tumefação da vulva, perineo, garupe e ventre. Na vaca pode ser observada a presença de enfermagem, o que geralmente determina a morte em 1 a 3 dias.

Como trata-se de enfermidade que surge após traumatismo e se for impossível evitá-lo, procure o médico-veterinário o mais breve possível, tão logo surja os primeiros sintomas.

MEDICINA Nem tudo está perdido

Estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Audiológicas da Universidade de São Paulo (USP), revela que 14 milhões de brasileiros tem algum tipo de problema de audição, dos quais 40% com deficiência profunda.

Entre as principais causas está a rubéola materna, responsável por 30% dos problemas auditivos entre a população do país. Consideramos fundamental uma campanha de vacinação em massa contra a rubéola.

Dentre as causas de repetência e evasão escolar, normalmente atribuídas à subnutrição, mas condições pedagógicas e instalações escolares deficientes, não se cogita a deficiência auditiva, causa ainda não suficientemente estudada mas que, segundo especialistas, pode ser igualmente responsável pelo mau aproveitamento escolar.

Estudos na USP de Bauru revelaram que 12,3% das crian-

ças da rede pública de ensino da cidade têm problemas provocados por processos genéticos ou inflamatórios. Investigações anteriores já haviam demonstrado que de 6 a 11% dos escolares da cidade de São Paulo, sofrem de algum tipo de problema auditivo.

A identificação do mal aponta causas genéticas, seqüelas de OTITES crônicas e excesso de ruído, principalmente pelo uso de brinquedos barulhentos e fogos de artifício.

O objetivo é identificar as causas provocantes do problema e reduzir suas seqüências perversas para o desenvolvimento psíquico, social, emocional e linguístico das crianças. E, também, identificar as relações entre incidência do mal e os índices de repetência e evasão escolar.

Dr. Carlos Marcel Lamoglia

Folclore

Os dois Papudos

Há e sempre houve em nossa cidade de Campo Largo da Piedade algumas figuras pitorescas. É só olhar ao redor. São figuras inseqüenciais, inacreditáveis. Passam e deixam saudades pelos seus ditos e feitos graciosos ou capciosos. Parecem sempre brincar e abusar de tudo. São retratos de nossa terra, um pouquinho de cada um de nós. A alma do povo, folclore vivo.

Nhõ Bide foi uma dessas figuras. Sua característica era a bondade. Generoso e amigo, dentro de sua pobreza sabia repartir o pão com seus irmãos. Era ele muito querido e estimado por todos. Cultivava amizades com pessoas de destaque de nossa Campo Largo e outras tantas pessoas ilustres de Curitiba, que gostavam de ouvir suas lorotas.

Nhõ Bide vestia-se sempre de terno branco, sapatos engraxados, gravata de listrinhas vermelhas e azuis. Eram presentes do Dr. Barros, segundo nos contava Nhõ Bide. A gravata ficava tão bem ajeitadinha em volta do pescoço grosso de Nhõ Bide, sob o papo, que até parecia ter sido feita sob medida.

Certa tarde estava ele mais Nhõ Zélia sua mulher, sentados num banco da praça Osório em Curitiba à espera do ônibus (nesse tempo o nosso coletivo fazia ponto na citada praça). Nhõ Zélia quietinha ao lado do marido nada dizia quando ele estava contando suas bravuras. Apenas ria. Ela só se manifestava quando ele lhe pedia para confirmar alguma façanha. Então ela dizia:

- Não que sim mesmo, Bidel! Sentou-se então ao lado do preto velho, um senhor que logo puxou conversa.

- Bom dia! Sou Airton Afonso Mehl. Sou de Castro, onde tenho lá umas terrinhas e cuido da

criação de gado. - Eu sou Alcebades Bento e essa é minha muié Zélia. Tenho também umas terrinhas em Campo Largo e cuido de gado, minha vida. Virou-se para Nhõ Zélia e perguntou:

- "Não é mesmo muié?" - "Não que sim mesmo," respondeu Nhõ Zélia. E se pôs a rir...

- "Nhõ Alonso Airton Mehl, quando meç passar por Campo Largo, dê uma chegadinha na minha casa para tomar um leite gordu comigo", convidou o Nhõ Bide. E só perguntar perguntar pelo Bide que até as crianças me conhecem. O senhor Airton Afonso Mehl prometeu que viria visitar o casal. O ônibus estava chegando. Nhõ Bide e Nhõ Zélia despediram-se do nosso amigo.

- "Até qualquer dia!"

Logo ali atrás do Cemitério". Respondi.

Ao chegar ao local indicado, o Senhor Airton Afonso Mehl ficou surpreso. O fazendeiro morava num riachinho de custaneiras e coberto de tabuinhas. Era deveras interessante, tamanha modéstia. Afinal, havia diversas cabeças de gado pastando ao redor do rancho. E todas pareciam muito bem tratadas.

- "O de casa, não tem fogo nem brasa!" Perguntou o Senhor Airton, em tom de brincadeira. Aquele vozeirão de Nhõ Bide se fez ouvir.

- "Tem fogo e tem brasa e também o dono da casa. Meçê chegue, entre, a casa é sua. Espero a visita do amigo a um tempo".

O senhor Airton, entrou no ranquinho, sentou-se num banquinho feito de caixote. Tomou um bom chimarrão com os donos da casa. Nhõ Bide virou-se para Nhõ Zélia e perguntou: - "Zélia, tem farinha de biju e marmelada?" Ela respondeu: - "Tem!" Nhõ Bide então pegou um litro, deu-o para Nhõ Zélia e:

"Muié, vá até a casa do compadre José e traga um litro de leite dos bons". Nhõ Bide, sem se avechar, disse para a visita, apontando o dedo para o gado que pastava:

- "Esse gado é todo meu. No momento, as vacas não estão dando leite, mas logo vão chegar bezerras novos." E pôs-se a gargalhar, como só ele sabia fazer. - "Quá... quá... quá. O Bide é dele mesmo."

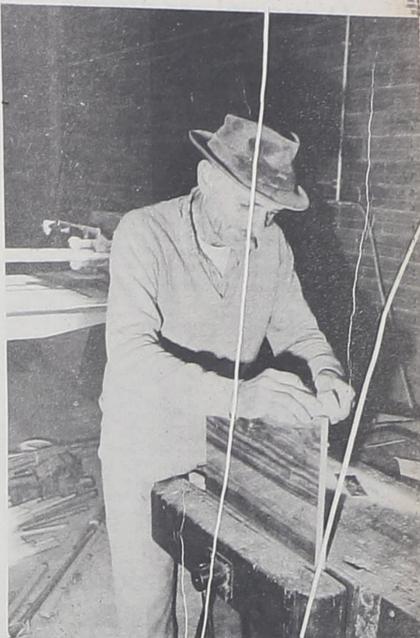
O senhor Airton Afonso Mehl até hoje se pergunta: Será verdade? Logo que a visita foi embora, o Nhõ Bide falou para Nhõ Zélia: - O Nhõ Airton foi bem hospedado, prometeu que ele tomaria um leite na minha casa e não faltei com o prometido. E, outra vez: Quá... quá... quá... Zélia, te garanto que a fazenda e o gado do Senhor Airton Afonso Mehl é igual a minha: Quá... quá... quá.

Franohe



"Só trabalhamos com madeiras nobres", diz Evaldo Cunica Bonatto.

Há 49 anos foi fundada na Colônia Antônio Rebouças a Indústria de Móveis Bonatto, que funcionava em paralelo com várias atividades. Inicialmente de forma bem rústica aos poucos a empresa foi fazendo nome na produção artesanal de móveis sob medida e hoje é uma das mais tradicionais nesta área.



Mão-de-obra qualificada é fundamental.

Indústria Bonatto: Tradição em móveis artesanais

Após concretizar o sonho de mudar a Colônia Antônio Rebouças para Campo Largo, em setembro do ano passado, a Indústria de Móveis Bonatto Ltda já está se preparando para mais um salto empresarial: ampliar a capacidade produtiva da empresa com a fabricação em série e construir um show-room para exposição dos móveis. Apesar desta nova estratégia de mercado o carro-chefe da indústria ainda continuará sendo a produção de móveis sob medida, garante Evaldo Cunica Bonatto, proprietário da indústria juntamente com seu filho Valdir Luis Bonatto e o genro Durval Silvestre Luis de Souza.

Para ampliar a produção, a empresa já começou a se estruturar adquirindo alguns maquinários como a coladeira de bordas e a juntadeira de lâminas que agilizam o processo de confecção. "No início o processo de massificação será baseado em dois produtos que são as estantes e mesas de centro, explica Durval ao comentar que esta nova fase da empresa estará começando a se agilizar no próximo ano. O projeto é a industrialização até 200 peças por mês, com o início do processo em série. Atualmente não há como tirar uma média da produção pois a Indústria Bonatto trabalha principalmente com móveis sob medida, feitos artesanalmente, de acordo com os pedidos.

A empresa produz armários embutidos, estantes, cozinhas americanas, armários para banheiros, mesas, camas e outros produtos, todos confeccionados em madeiras nobres como cerejeira, imbuia e mogno. As madeiras são adquiridas já serradas e como todo processo artesanal sua industrialização é demorada pois uma estante simples montada por duas pessoas leva média seis dias ao passo que se passasse o processo de máquinas o tempo se reduziria bastante. Segundo Valdir que também trabalha na confecção dos produtos, todas as peças são marcadas com um metro e riscadas uma por uma. "O que assegura a qualidade de nossos móveis é o cuidado que temos ao montar cada peça", assegura.

O cuidado na produção se observa inclusive no lixamento pois enquanto a maioria das empresas fazem todo o trabalho na máquina, na Indústria Bonatto também se passa pelo maquinário de lixamento mas depois a peça ainda é retocada a mão para que as bordas fiquem de acordo com o projeto desejado. No caso das gavetas e algumas peças elas são feitas em madeira maciça. "Algumas pessoas reclamam o preço de nossos produtos mas é preciso considerar todo este trabalho manual e o cuidado que temos para que os móveis assegurem sua durabilidade", garante Valdir ao comentar sobre a procura pelos produtos durante os 49 anos de existência da empresa.

Multidimensão

Na realidade a indústria iniciou em 1942 com Antônio Bonatto Neto, pai de Evaldo, e que possuía na Colônia Rebouças um moimho, uma carpintaria, uma serraria e uma empresa de carvão que funcionavam no mesmo local. E nesta sede multi-profissional se produziam, de forma bem rústica, todos os tipos de móveis e peças com madeira, inclusive caixão de de-



Nova sede da Indústria de Móveis Bonatto garante o futuro da empresa.



O cuidado na fabricação é uma constante.



Aumentar a produção sem perder a qualidade é o objetivo do momento.

fiuto. Na época a então denominada Serraria São José era apenas uma das várias habilidades de Antônio Bonatto mas aos poucos foi se tornando uma das atividades mais importantes. Aos 13 anos Evaldo começou a ajudar o pai na mercearia, apesar de não gostar do trabalho. "A gente morava na colônia e precisava ajudar no serviço. Com o tempo fui me acostumando com o trabalho e aprendi a gostar da área moveleira".

A serraria tinha cerca de cinco funcionários onde se produziam camas, guardarroupas, mesas, cadeiras e guarda-louças. "Não tinha a parte elétrica e trabalhávamos com a energia hidráulica gerada pela roda d'água", lembra Evaldo ao falar sobre a dificuldade de trabalhar naquele tempo. O pai que sempre esteve na liderança da empresa não implantou a modernidade e só passou o controle da indústria para Evaldo em 1964 quando então passou a trabalhar como joalheiro e eletrônico. "Meu pai na verdade era um inventor".

Revolução

Ao assumir a Indústria Evaldo iniciou a transformação necessária, sendo seu primeiro passo a implantação da energia elétrica. Já em 1970 adquiriu a primeira máquina elétrica, uma esquadrejadeira. Aos poucos foi revolucionando a empresa, modernizando-a para que pudesse continuar a trabalhar. Foi neste ambiente que seu único filho homem, Valdir, cresceu e através de brincadeiras foi aprendendo o ofício da confecção de móveis.

Mas a demanda pelos produtos começou a aumentar e aos poucos o espaço começou a ficar pequeno. É que a indústria ainda funcionava na mesma sede onde Antônio Bonatto fundou sua multi-empresa que funcionava a base da roda d'água. "Precisávamos mudar pois tudo estava muito apertado", diz Evaldo ao explicar que na colônia também há um grande problema pois é difícil encontrar mão-de-obra para trabalhar uma vez que os moradores do local já possuem sua própria mercearia ou estão saindo do povoado. O próprio Valdir morava em Campo Largo se deslocando diariamente para trabalhar na colônia. "Tinha que encher meu fusquinho de empregados para poder se dirigir ao trabalho", conta.

Colocando numa balança os problemas com a mão-de-obra, a falta de espaço e o desejo de mudar para Campo Largo acalentado há muito tempo, Evaldo resolveu que o melhor seria mudar. Assim no ano passado resolveram construir a nova sede da indústria, localizada na Rodovia do Café - km 21. "Tivemos sorte pois o Plano Collor não nos atingiu uma vez que estávamos investindo na construção", comenta Durval.

Instalada em uma área de 1.600 m² a Indústria Bonatto começou há dois meses um teste, com a fabricação de alguns móveis para revenda. "Ainda estamos iniciando nesta área mas a fabricação em série vai começar quando comprarmos mais algumas máquinas", diz Valdir ao explicar que esta empresa familiar tem muitos planos para o futuro. "Demoramos para concretizar o sonho de vir para Campo Largo mas agora vamos expandir nossas atividades, mantendo a tradição e qualidade finalizada".